

XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Eixo Temático: Educação, Diversidade e Inclusão

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE INCLUSÃO NUM ESPAÇO NÃO FORMAL: uma prática com a temática das plantas medicinais

Daniéli Vitória Goetz Pauli¹
Beatriz Soquetta Vedoto²
Caroline Freitas dos Santos Oliveira³
Luzilene Rito dos Santos do Vale⁴
Márcia Santos da Silva⁵

RESUMO

A presente escrita relata vivências num contexto de estágio curricular supervisionado em espaço não formal. As atividades foram desenvolvidas na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, no município de Cerro Largo, RS, e baseou-se na realização de um projeto com a temática do uso de plantas medicinais. O objetivo centra-se no desenvolvimento de estratégias inclusivas que visam a dinâmica, a interação, a divulgação científica e a sustentabilidade. Foram realizadas cinco intervenções no contexto, as quais se apoiaram em diferentes estratégias didáticas, como a leitura, os jogos, a confecção de cartazes e a construção do relógio biológico. As discussões advindas destas experiências se tornaram ricas em detalhes, mostrando anseios, preocupações, (re)planejamentos e superação de obstáculos perante situações de resistência de interação dos alunos. A questão inclusiva gerou novos olhares e perspectivas na formação das futuras professoras.

Palavras-chave: APAE. Estágio. Inclusão. Plantas Mediciniais.

INTRODUÇÃO

O presente relato consiste em uma sequência de práticas pedagógicas decorrente de um projeto elaborado nas aulas de estágio curricular supervisionado de educação não formal, o qual foi aplicado em uma turma mista de uma instituição de Associação de Pais e Amigos dos

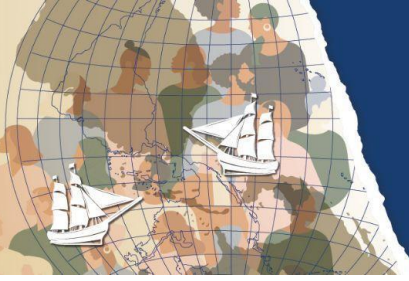
¹ Mestranda em Ensino de Ciências e Licenciada em Química na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo, danielivgp03@gmail.com.

² Licencianda em Química Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo, vedootob@gmail.com.

³ Licencianda em Química Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo, carolinef.oliveira@estudante.uffs.edu.br.

⁴ Licenciada em Química Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo, incluindo luzilenerito@gmail.com.

⁵ Licencianda em Química Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo, marciaasantoss1204@gmail.com.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Excepcionais (APAE). O estágio de educação não formal atribui a noção de que o Ensino de Ciências pode ser trabalhado em espaços extra-curriculares, ou seja, o estágio possibilita a disseminação mais ampla do conhecimento científico, podendo desenvolver habilidades científicas de sujeitos fora do contexto formal da escola, ou mais especificamente fora da sala de aula.

Nesse sentido, Quadra e D'ávila (2016, p.22), ressaltam que a educação não formal possibilita o processo de ensino e aprendizagem “sem seguir vários requisitos formais, como por exemplo, pode ser realizada em qualquer ambiente, desde que apresente uma dinâmica diferente de aulas expositivas, não priorize a memorização e utilize ferramentas didáticas diversificadas e atrativas”.

Diante disso, nossa escolha em estagiar na APAE se deu a partir do anseio de trabalhar com questões inclusivas que exigem dedicação e comprometimento por parte da professora. As práticas educativas na educação não formal são distintas por sua abordagem educativa mais espontânea, focada nas necessidades e potencialidades dos aprendizes. Elas seguem uma dinâmica de educação e aprendizagem interativa e horizontal, fundamentada em metodologias participativas, dialógicas e operativas, que são flexíveis e receptivas ao novo e ao alternativo.

Nessa direção, Antunes e Fernandes (2023), destacam que esse enfoque, centrado na educação não formal, parece ser mais propenso a responder efetivamente às necessidades de práticas educativas e metodologias diversificadas, especialmente aquelas que se alinham melhor com as características das crianças/jovens com necessidades educativas, contribuindo de maneira eficaz para o desenvolvimento de boas práticas pedagógicas e o sucesso de uma educação inclusiva. Dessa forma, as práticas desenvolvidas tem como objetivo abordar a temática de plantas medicinais, assim como, realizar a construção de um relógio biológico, visando a sustentabilidade e as estratégias inclusivas que atendam às necessidades individuais de cada aluno, proporcionando-lhes oportunidades significativas de aprendizado.

Consequente, a escolha pela temática das plantas medicinais se deu a *priori*, principalmente pela familiarização das autoras com o tema e a curiosidade por trazer aspectos históricos e culturais da temática, envolvendo a Ciência. Nesse viés, destacamos o uso das plantas medicinais no contexto, sendo utilizadas na preparação de remédios, como as folhas de chá a espécies cultivadas pelas empresas farmacêuticas para a produção de medicamentos.

Diante do exposto, a inserção da temática das plantas medicinais no ensino vem de



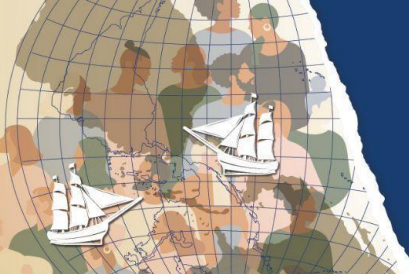
modo a contribuir para que o entendimento de cada um possa ser levado em consideração, proporcionando a construção do conhecimento científico e o saber popular, além de possibilitar uma abordagem diferenciada, uma ressignificação do aprender ampliando o diálogo entre escola, aluno e comunidade, contribuindo para que o educando atue como protagonista do seu próprio processo de ensino e aprendizagem (Brito, *et al.*, 2021).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento da prática deu-se através da intervenção mediante cinco encontros na APAE do município de Cerro Largo, RS, em que os alunos possuíam idades variadas, sendo crianças, jovens e adultos. As atividades estão apresentadas no Quadro 01 a seguir:

Quadro 01- Explanação das atividades realizadas na intervenção pedagógica.

Encontro	Atividades
Primeiro encontro	Introdução da temática das plantas medicinais, trazendo curiosidades e aspectos históricos e culturais. Utilizando recortes do capítulo 2 do livro intitulado “Os remédios da Vovó do livro os remédios da vovó” de autoria de Valéria Edelsztejn. Os subcapítulos escolhidos para a leitura foram: <i>Para a dor de dentes nada melhor que um cravo-da-índia; Canja e cama; Viram um coelho com óculos alguma vez?; O mar estava sereno... e, caso contrário, temos gengibre; Para evitar o resfriado, suco de laranja; A vida é tão doce como o mel; Pressão alta? Solução na geladeira; Nem sete nem nove.</i>
Segundo encontro	Realização da degustação e adivinhação dos chás. O intuito da atividade também foi o de ativar os sentidos dos alunos como tato, olfato, visão, e paladar, através das texturas, cores e cheiros e sabores. Chás utilizados: Erva cidreira (<i>Melissa officinalis</i>), Camomila (<i>Matricaria chamomilla L.</i>), Hortelã (<i>Mentha spicata</i>), Funcho (<i>Foeniculum vulgare</i>), Endro (<i>Anethum graveolens</i>), Alecrim (<i>Salvia rosmarinus</i>), Erva-doce (<i>Pimpinella anisum</i>). Questões norteadoras: “Vocês sabem como se faz um chá? Já fizeram chá? Já viram seus familiares fazendo um chá? Se sim, teria como explicar para os colegas?” Também, explicação da forma mais correta de fazer um chá, que seria: fazer a infusão, coloca-se um pouco de água quente (que quase entrou em fervura) em um recipiente com as ervas e folhas escolhidas, podendo ser na própria xícara ou no bule. Após, tapa-se por aproximadamente 10 minutos para que os princípios ativos dos “ingredientes” liberem-se na água. Não se deve deixar a água ferver a ponto de surgirem grandes borbulhas, pois isso certamente irá queimar o chá, alterando o gosto e comprometendo as propriedades das plantas, como a liberação de toxinas prejudiciais à saúde, pois ocorre a perda de oxigênio.
Terceiro encontro	Introdução ao tema do Relógio Biológico e início da construção do mesmo com materiais recicláveis. Nesse momento os alunos serão divididos e cada um terá suas devidas tarefas. Também, nesse dia as licenciandas têm como dever encontrar um local adequado para a construção do relógio biológico e realizar o esboço deste, com intuito de facilitar a dinâmica com os alunos.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Quarto encontro	Finalização da construção do Relógio Biológico (sendo necessário novamente a divisão de tarefas para os alunos), assim como, o plantio dos chás com os alunos.
Quinto encontro	Realização de jogos didáticos envolvendo o conteúdo de plantas medicinais, sendo: bingo das plantas medicinais, caça-palavras, jogo do labirinto e o jogo da memória.

Fonte: As autoras, 2024.

Diante da realização de tais atividades surgiram diversas discussões acerca das experiências vivenciadas em conjunto pelas licenciandas, as quais estão explanadas adiante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O foco de nossas reflexões sobre a temática da educação inclusiva é de suma importância para a constituição docente. Com o passar dos anos tem aumentado o índice de crianças e adolescentes com déficit ou transtornos desencadeado por diversos fatores, muitas vezes é identificado dentro da sala de aula regular e cabe ao professor ter que (re)pensar sua maneira de sistematizar o conhecimento e se impõe como um desafio crucial, pois nossos esforços “investimos na necessidade de estarmos dispostos à inclusão” (Rigo, 2018, p. 11).

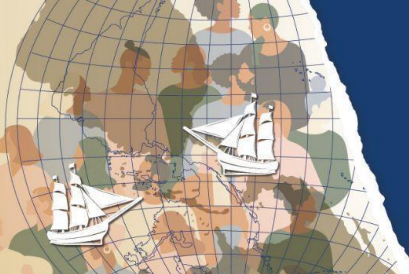
Nesse sentido, em nosso primeiro (imagem 01) encontro tínhamos a ideia inicial de realizar uma leitura coletiva com os alunos, entretanto, os mesmos apresentaram resistência ao interagir conosco, além de que alguns alunos não sabiam ler. Assim, nós iniciamos a leitura dos subcapítulos previstos em voz alta, de forma pausada e sempre indicando na tela as palavras e sempre de forma dialogada para que todos pudessem compreender as informações. Todas as situações previstas na leitura foram relacionadas ao cotidiano dos alunos.

Imagem 01: Registros do primeiro encontro



Fonte: Arquivos pessoais.

No segundo encontro, realizamos a degustação e adivinhação dos chás com toda a turma, o intuito da atividade também foi o de ativar os sentidos dos alunos como tato (texturas), olfato (odores), da visão (cores) e paladar (degustação). Ante a isso, buscamos saber sobre os



conhecimentos prévios dos alunos, realizando perguntas como: *“Vocês sabem como se faz um chá? Já fizeram chá? Já viram seus familiares fazendo um chá? Se sim, teria como explicar para os colegas?”*. Muitos alunos ainda apresentavam resistência em participar da aula ativamente, portanto, não houve resposta além de uma aluna murmurar *“com água quente”*. Continuando nosso encontro, explicamos a forma mais correta de fazer um chá, e perguntamos: *“por que não podemos tomar chá com a água fervida?”*. Não obtivemos nenhuma resposta, mas discutimos a resposta com os alunos, tentando buscar algum resquício de interação dos alunos que apresentavam tamanha resistência.

Enfim, realizamos a dinâmica da degustação e adivinhação dos chás, que foi organizado de forma a cada aluno provar o mesmo chá e perguntá-los qual chá eles achavam que era, depois mostrar no slide qual chá eles estavam experimentando e divulgar suas utilidades/potencialidades para os seres humanos e, assim, a atividade ocorreu sucessivamente com os demais chás. Nessa dinâmica podemos perceber que os alunos já estavam mais participativos, pois a maioria dava sua sugestão e comentava sobre o odor que estavam sentindo, bem como, o sabor, destacando se eram melhores, ou não, que os outros.

Dando continuidade a aula, apresentamos os demais chás mais predominantes na região e seus benefícios à saúde humana, novamente, dialogando e demonstrando para o que cada chá era melhor utilizado. Para finalizar este encontro, organizamos outra atividade para os alunos, os quais foram divididos em pequenos grupos, tendo a tarefa de construir um tipo de herbário simples. Portanto, os alunos tiveram que colar uma planta em uma folha de ofício e escrever seu nome e utilidades. Nessa etapa contamos com o auxílio da professora supervisora, a qual distribuiu os grupos para que pelo menos um integrante de cada grupo pudesse fazer a parte escrita da atividade, e os demais integrantes auxiliaram na parte artística. A imagem 02 apresenta alguns registros desse encontro.

Imagem 02: Registros do segundo encontro



Fonte: Arquivos pessoais.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

CIÊNCIA, DEMOCRACIA E DECOLONIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



No terceiro encontro relembramos as nossas atividades, para assim começar as discussões do projeto do relógio biológico. Para tanto, tentamos relacionar as palavras “relógio” e “biológico” ao cotidiano dos alunos, mostrando imagens separadamente e mencionando que o nosso “relógio” seria dividido em 12 partes, semelhante a um relógio convencional. Os modelos do relógio biológico foram projetados para que visualizassem nossa ideia e pudessem compreendê-la. também, apresentamos o melhor horário para consumir determinado chá, os quais, em sua maioria, seriam utilizados em nosso projeto, pois optamos por plantar pelo menos uma ou duas mudas do chá.

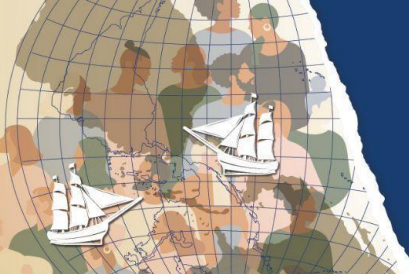
Ainda, perguntamos aos alunos o que é necessário para que uma planta cresça e uma aluna respondeu prontamente: “*água, terra e adubo*”. Ficamos felizes com a resposta, pois não era muito comum uma interação tão rápida ou sequer obtínhamos respostas. Assim, detalhamos que faltava só mais algo para que a planta necessita para se desenvolver, instigamos eles com a seguinte pergunta: “*É algo que tem lá fora*” (era um dia ensolarado), assim alguns murmuraram que era o sol e, assim, concordamos.

Posterior a essa apresentação em sala de aula, direcionamos os alunos para o pátio (área externa) da instituição e discutimos como iríamos construir o relógio biológico, utilizando garrafas *pet* contendo água com tinta ou corantes alimentícios. Assim, distribuímos a primeira tarefa em pequenas equipes, sendo elas: retirar a embalagem das garrafas *pet*, enchê-las com água, transportá-las até os colegas que colocavam corante e organizavam as garrafas em fileira. As tarefas foram divididas pensando nas limitâncias que alguns alunos apresentavam, mas sempre incluindo todos na dinâmica. Ainda neste dia, nós licenciandas, preparamos o terreno fazendo um esboço do relógio, capinando e adubando o solo. Na imagem 03 trazemos alguns registros desse encontro.

Imagem 03: Registros do terceiro encontro



Fonte: Arquivos pessoais.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



No quarto encontro, nos separamos em grupos para finalizar a construção do relógio biológico. Os alunos estavam entusiasmados com o projeto e o plantio das mudas de chá, auxiliando ativamente nas funções designadas a si. Nós licenciandas assumimos o papel da construção ativa do relógio, pois a professora supervisora sugeriu que os alunos não participassem ativamente dessa parte para evitar que os alunos se sujassem e, conseqüentemente, sujassem a sala de aula.

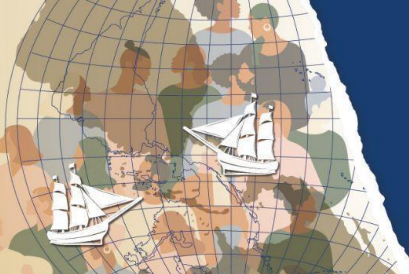
Na última parte da manhã, convidamos os alunos para o plantio dos chás, com autorização da professora supervisora. Dois alunos em específico queriam nos ajudar a plantar todos os chás, mas buscamos envolver todos os alunos na atividade, auxiliando-os a cavar os buracos e plantar as mudas, ansiando a interação de todos. Também, realizamos diversos registros (Imagem 04) e compartilhamos conhecimentos, notando também a participação de outras professoras da instituição que vieram se enturmar na discussão sobre os chás, demonstrando interesse em nosso projeto.

Imagem 04: Registros do quarto encontro



Fonte: Arquivos pessoais.

No último encontro realizamos uma manhã de jogos temáticos, ou seja, jogos didáticos que envolveram o conteúdo de plantas medicinais. De início apresentamos e explicamos o jogo de bingo para os alunos, onde os alunos escolheram suas cartelas que continham vários chás diferentes com números diversos, assim, iniciou-se o jogo sempre os instigando a interagir conosco e com os colegas, expressando sinais de alegria (ao pontuar) e decepção (ao ver o colega pontuar e ele não). Mesmo o jogo trazendo instintos de competitividade, validou-se seu uso pelo fato de trabalhar a atenção e interação dos alunos, visto que os mesmos estavam se expressando vividamente, mais que em outros dias, nem pareciam os alunos tímidos do primeiro dia de aula.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

CIÊNCIA, DEMOCRACIA E DECOLONIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Também, para treinar a coordenação motora e atenção e agilidade dos alunos, trouxemos o jogo do labirinto, e, para exercitar o sistema cognitivo, apresentamos um caça-palavras com alguns chás estudados anteriormente. Por fim, o jogo de memória com plantas/chás, para, claramente, exercitar a memória dos alunos, também o adaptamos para trabalhar a competitividade. Registros desse dia estão apresentados na imagem 05.

Imagem 05: Registros do quinto encontro



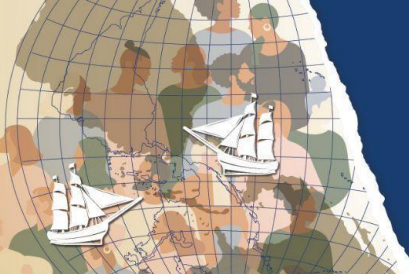
Fonte: Arquivos pessoais.

Dessa forma, vimos nos jogos didáticos a possibilidade de trabalhar o aspecto lúdico do tema, com a finalidade de desenvolver a compreensão e a fixação de conteúdo. Além de que os jogos podem ser utilizados dentro e fora de sala de aula. Por fim, destacamos que as atividades desenvolvidas buscaram contemplar a interdisciplinaridade, a didática e a inclusão durante todo o processo, sempre analisando o contexto em que estávamos inseridas, para tornar a prática coerente com a realidade da escola, dos alunos e dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas educacionais descritas neste relato ilustram não apenas nosso compromisso com a educação inclusiva, mas também uma abordagem criativa e participativa para o Ensino de Ciências fora do ambiente tradicional de sala de aula. Ao trabalharmos com a temática das plantas medicinais e na construção do relógio biológico, demonstramos nossa sensibilidade para com as necessidades individuais dos alunos, bem como, nossa disposição para explorar métodos pedagógicos alternativos e envolventes, sempre considerando nosso espaço pedagógico.

Ao fazer uma abordagem pedagógica caracterizada por atividades práticas, discussões contextualizadas e estímulo à participação dos alunos, integramos elementos do cotidiano dos



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

CIÊNCIA, DEMOCRACIA E DECOLONIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



estudantes, como o consumo de chás e a interação com o ambiente natural. Assim, nós licenciandas, promovemos não apenas a mediação do conhecimento científico, mas também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a valorização do saber local e cultural.

A reflexão crítica presente em nosso relato, evidenciada pela adaptação das estratégias de ensino em resposta às necessidades e as resistências de interação dos alunos, ressalta nosso compromisso com a melhoria contínua dos processos de ensino e de aprendizagem. Ao reconhecer os desafios e as limitações enfrentadas durante o estágio, adotamos uma postura reflexiva, colaborativa e empática, essencial para o nosso desenvolvimento profissional e a construção de práticas pedagógicas inclusivas, dinâmicas e eficazes, considerando a realidade de cada aluno.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M.C. P.; FERNANDES, S. D. Educação não formal: contributos para a educação inclusiva. **Práxis Educacional**, [S.L.], v. 19, n. 50, p. 1-17, 2023. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Edicoes UESB. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v19i50.11319>. Acesso em: 07 dez. 2023.

BRITO, A. K. O. de, *et al.* Use of medicinal plants in teaching botany for the final years of Elementary School. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 10, n. 13, p. 01-15, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21196>. Acesso em: 08 dez. 2023.

QUADRA, G. R.; D'ÁVILA, S. Educação Não-Formal: qual a sua importância?. **Revista Brasileira de Zootecias**, Divulgação Científica [s. l], v. 17, n. 2, p. 22-27, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/zootecias/article/view/24644> . Acesso em: 07 dez. 2023.

RIGO, N. M. O dispositivo da inclusão escolar e a produção de subjetividades. **Revista Insignare Scientia-RIS**, v. 1, n. 3, p. 11, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/10616/7101>. Acesso em: 10 mar. 2024.